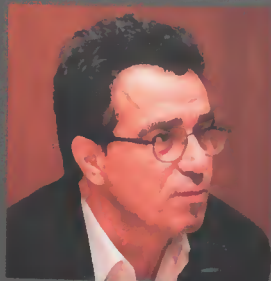




Olhares
in
VERSOS

João Luís Dias





JOÃO LUÍS DIAS

Natural e residente em Terras de Bouro, Braga.
Publicou em 1988, 1992, 2005, 2008, 2011, respectivamente, as obras “Ecos dum Silêncio”, “Sonho em Hora de Ponta”, “Antes que o Tinteiro Entorne”, “Um Poema, uma Flor”, “Coração de Algodão” (edição portuguesa) e “Coração de Algodão” (edição brasileira), de conteúdos poético e crónica jornalística.

É redactor do jornal Geresão, de Terras de Bouro, Amares e Vieira do Minho, onde também assina crónica regular e entre muitas colaborações contam-se as rádios RFM - Rádio Renascença, Lisboa e Voz do Neiva, Vila Verde e os jornais Correio do Minho, Braga e Vilaverdense, Vila Verde.

É com frequência convidado para recitais, seminários e conferências em escolas, desde o 1º ciclo ao universitário.

O seu percurso associativo e cultural motivou já trabalhos académicos.

Foi fundador da CALIDUM - Clube de Autores Minhoto/Galaicos e desde o seu início presidente da direcção.

Foi vencedor, em 2012, do prémio literário, alusivo ao Dia da Mãe, promovido pela Associação “Amatur” – Pico de Regalados.

Pelos seus envolvimento culturais, foi em 1999 homenageado pelo Secretário de Estado da Administração Local.

É funcionário do Instituto dos Registo e Notariado, IP e aluno da licenciatura em Relações Internacionais, na Universidade do Minho.

Olhares *in* VERSOS

Apoio:

Município de Terras de Bouro



João Luís Dias

Olhares *in* VERSOS

Ilustrações de
Marlene Almeida Soares



Clube de Autores Minhoto/Galaicos

Título	Olhares <i>in</i> VERSOS
Autor	João Luís Dias
Ilustração e Design (capa e interior)	Marlene Almeida Soares mardesign@live.com.pt
Edição	CALIDUM - Clube de Autores Minhoto/Galaicos 4840-100 Terras de Bouro www.calidum.no.sapo.pt calidum@sapo.pt
Depósito Legal	390605/15
ISBN	978-972-99556-5-5
Data de Saída	Abril/2015
Impressão	Graficamares, Lda. geral@graficamares.pt

APRESENTAÇÃO

Perguntam-me frequentemente por que escrevo e para quem escrevo poesia. Também me perguntam com alguma frequência o que me inspira a escrevê-la.

Apesar das minhas respostas sempre prontas, raramente dou respostas bem costuradas e por isso precisas; há sempre qualquer coisa que não digo, porque realmente não sei o que dizer, ou como o dizer. Claro, com um pouco de arte de dizer muito, pouco dizendo, que aprendi em muitos anos de exposição pública, obrigado pelos afazeres da vida e ainda por alguns contactos pedidos e realizados enquanto autor, lá vou dizendo alguma coisa, parecendo dizer muito, quase tudo, ou tudo mesmo. Enfim, lá me desenrasco.

Escrevo porque amo as palavras. Escrevo para quem ama as palavras e as quer multiplicar, preenchendo os sentidos e afectos ou as ausências deles. Inspiram-me as coisas todas da vida, coloridas ou não, saborosas ou não, presentes ou passadas, que se tocam ou que se inventam. O coração e a partilha das coisas nobres dele também me ajudam na construção do que escrevo. Aqui, confesso, encontro uma seara onde semeio e colho muito.

De uma coisa estou certo, e certo é o que digo: a minha poesia sou eu; nem muito mais, nem muito menos do que sou. A minha escola é de rés-do-chão, com um pequenino logradouro.

Um livro de poemas é sempre muito mais do que um retalho de versos agrupados, rimados ou não, tradutores do sentimento do autor, ou engenho deste a tratar dos sentimentos de todos, que se escrevem.

Um livro de poemas é sempre mais, porque o papel que o impressa é eterno, como eterno é o tronco duma árvore, se cuidada e protegida. Um livro de poemas é sempre mais, porque o leitor ao percorrer os versos pelas páginas por onde soltos, os pode acender ou apagar num instante.

A vida também é assim.

Depois de alguns livros publicados, quis, neste que agora vem à estampa, ter associado nele uma outra arte: a ilustração pura e simples, como que o sentir da artista a cada poema, reflectindo-o também no desenho, de particularidade especial, porque sobre tela de azulejo. Conteí para esta parceria com a pintora e designer Marlene Soares. Conseguiu produzir um bellissimo trabalho de inspiração, merecedor da minha vénia e enriquecedor desta obra, como poderão aferir.

Ao município de Terras de Bouro, onde orgulhosamente nasci, cresci e vivo, e na pessoa do seu edil, Joaquim Viana, colega de escola e parceiro de tanta aventura sadia pelos caminhos da nossa montanha e margens do nosso Rio Homem, o meu agradecimento, por sempre querer saber como ando, por onde ando e ter querido e sabido estender-me carinhosamente uma estrada fácil, para que teime neste delírio sóbrio de querer trazer as coisas que valem, também do coração, às pontas dos dedos.

O autor

A
Pedro Barroso, autor, cantor e compositor,
pela amizade e admiração recíprocas.

CAPÍTULO I



CEIA

Encolheu os ombros
suspendeu os braços
e deixou o sangue arrefecer
nas pontas dos dedos.
O céu acinzentou-se
fez-se baço o horizonte
e o crepúsculo apagou
todas as linhas da mira dos olhos.
Fez-se noite prematura
de estrelas ainda apagadas.
A lua abortou acocorada e fria.
A noite gelou no escuro
e o gato, num rompante
mergulhou no aquário
e surpreendeu
o último peixe azul...



PARTILHA

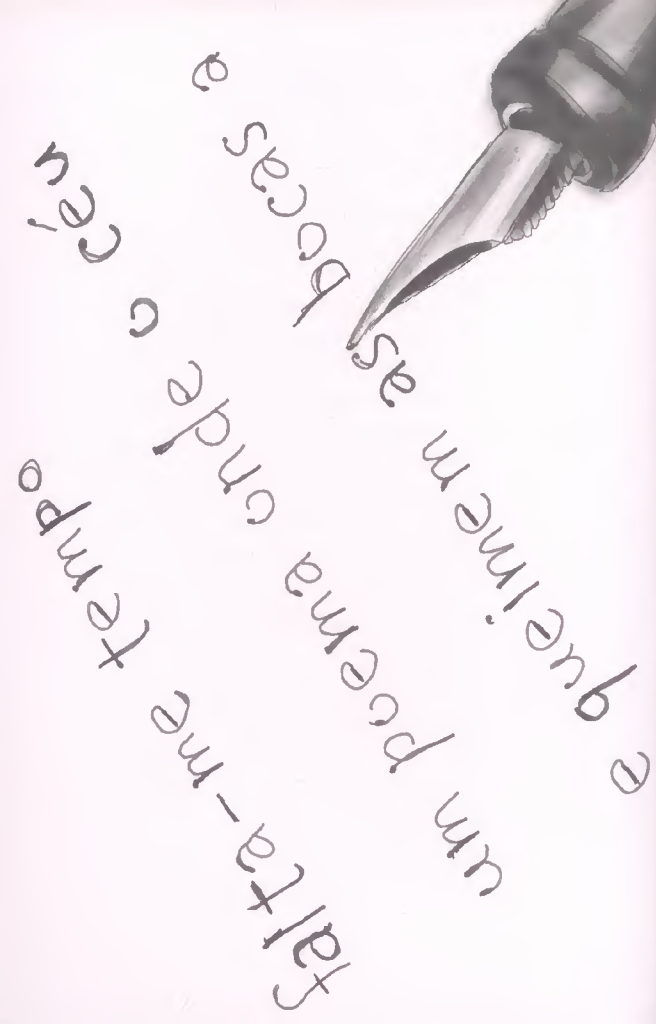
Empresta-me o olhar
e pela pele do rosto
deixa descer uma gota
do sorriso claro e calmo.
E da boca...
da boca
que se agita tremente aos lábios
sente a naufragar o desejo
ao beijo esquivo
que se quer temperado
na água morna que encharca
e se reparte...

CRIANÇA

Fui criança um dia
e lembro-me bem!...
Fui criança um dia
e soube-me bem!
Fui criança um dia
e hoje já não sou.
Serei, talvez
qualquer coisa mais antiga
vergado ao peso dos dias
ao preço dos anos;
mas atento a cada criança
colhendo delas
cada sorriso
cada sonho...
cada rasgo de sabedoria
na esperança de querer
ou precisar
de voltar a ser criança.

SEM TEMPO PARA O POEMA

Falta-me tempo para um poema;
um poema onde o céu acenda e ardam as flores
e queimem as bocas achadas num beijo;
um poema de amor, pueril, patético também!...
Falta-me tempo para um poema
mesmo que curto, feito depressa.
Falta-me hoje tempo, mesmo que pouco tempo
para escrever um qualquer poema.
Hoje preciso de todo o tempo
para escrever, com muito tempo, uma carta.
Sim, uma carta onde nela diga de mim
e queira saber...
em linhas despreocupada de versos;
onde diga ainda que
se um dia souber fazer um poema
serão os primeiros a saber que endoideci!



ENTRETIDO

A cendi a noite
apaguei o escuro.
Para lá da cortina
ficou a janela goteada e fria.
Eu fiquei no morno, entretido
a contar os dias que soube de sol
e os de chuva também...
E soube, outra vez
do que soube e quis saber
mas quase esquecia e perdia
no acomodar dos dias
ao efémero dos momentos...

MIRAGEM

No olhar aconchegas o sol da meia tarde
e na pele estendes o areal bronzeado
duma praia nordestina.

O chão, na calçada acesa
explode em pétalas
entontecidas de perfume
à leveza do teu caminhar.

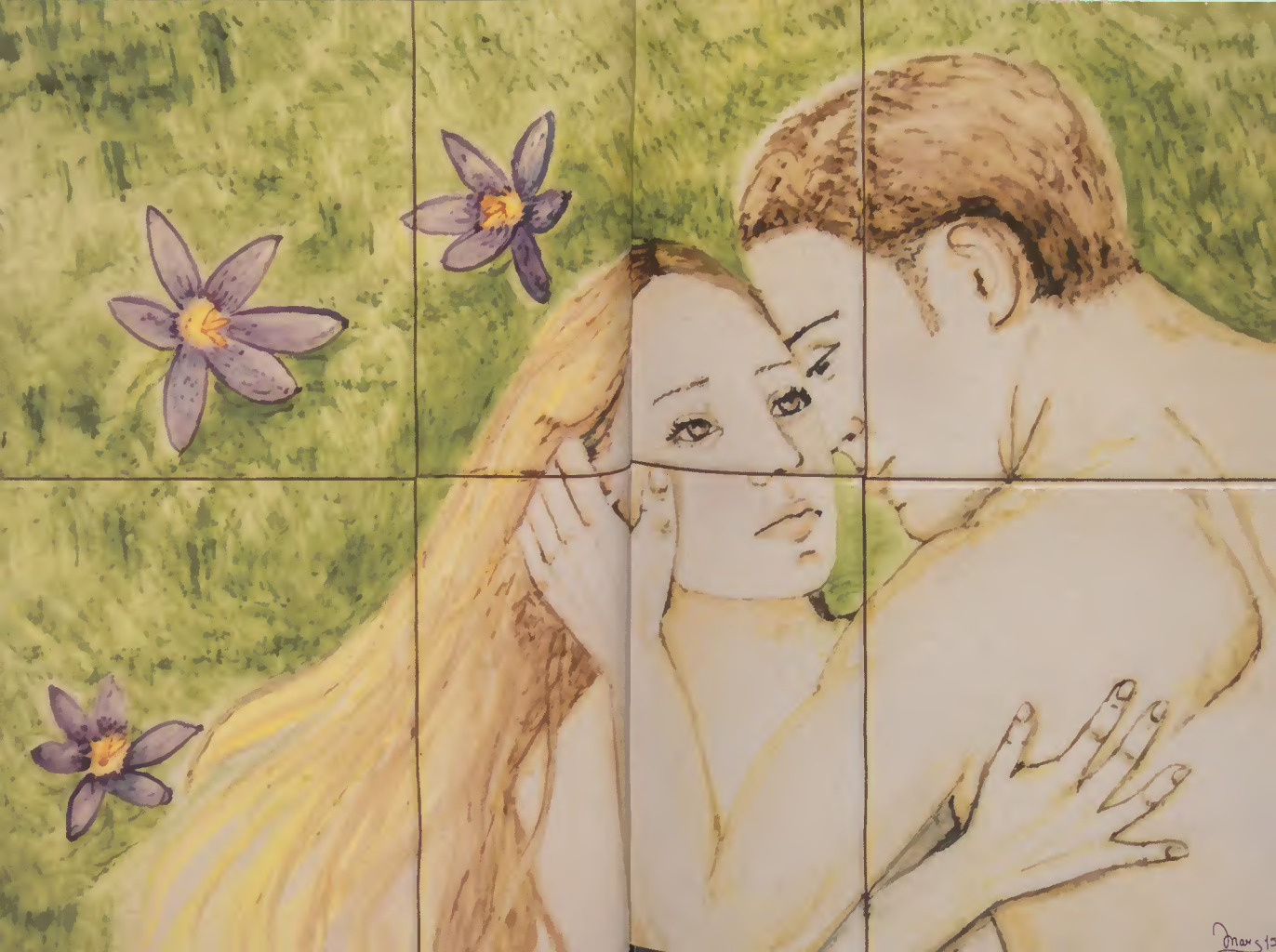
E da tua boca
recortada por um Deus maior
verte um beijo quente
para o mar azul e morno...

OLHAR

Momentos há
que diz mais o silêncio
no instante dum olhar
do que o doce ou amargo
de mil palavras
prensadas no almofariz
do peito.



CAPÍTULO II

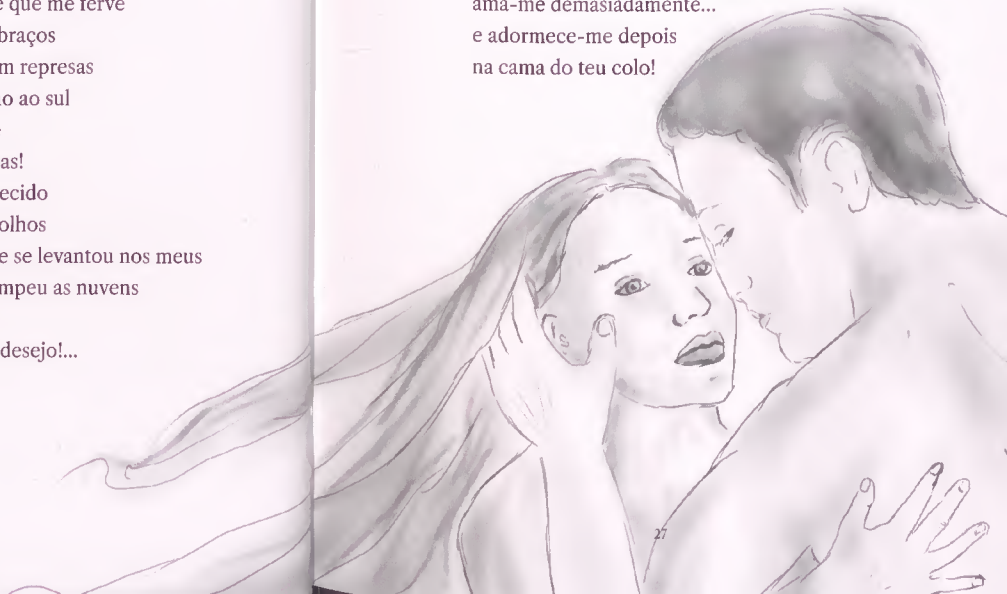


Darius 12

MEL E AÇUCENAS

Acolhe-me trémulo
 sente no peito o pulsar do meu!
 Abraça-me
 segura-me no teu corpo
 e sabe do sangue que me ferve
 no escorrer dos braços
 sem margens, sem represas
 como rio de rumo ao sul
 esquivo ao norte
 à tarde em chamas!
 Olha-me humedecido
 acalma nos teus olhos
 a tempestade que se levantou nos meus
 quando o céu rompeu as nuvens
 à farpa aguda
 da saudade e do desejo!...

Apara-me o verter da boca
 nos teus lábios de mel
 talhados de açucenas
 e ama-me;
 ama-me demasiadamente...
 e adormece-me depois
 na cama do teu colo!



INVERNO

As árvores despem-se
as mulheres vestem-se
o frio teima
a chuva ameaça
e o sol
de quando em vez
vai dando ar da sua graça.

VERÃO

M^{ar}
_{sol}

areia escaldante

céu azul

brisa nos cabelos bravios

depois da tarde acesa

Noite

ternura

perfume salpicado na pele dourada

beijo apeteçido

achado na boca

Amor

fogo

paixão

suor vertido

explosão...

Sono, só depois.



MEIGO

Folhas verdes
primeiras da primavera
agitarão em rodopios
à leveza do teu caminhar
e pétalas rubras
medradas no verão
irão sobrevoar-te e pousar
uma a uma
no teu o caminho
tapetando o chão
para, de cor, perfume
e magia...
presentear em festa
a candura do teu sorriso.

LUAR

Sorri e encharca os olhos de sorriso.
Solta os cabelos
quero vê-los pousados nos teus ombros.
Que lindos
lembram árvores tenras vestidas de verão
perfiladas e quietas na serra!
Agora abraça-me,
como se eu fora um vento perdido
achado e acolhido nos teus braços
nos teus ombros
numa noite de luar serena, morna
em artificios só de luz
E agora, ouçamos o silêncio...
só o silêncio
como se tenor dum coro dos céus.
Fiquemos assim...
sem nada ter que dizer
só a ouvir a noite...

AMANHECER

Énoite, morna
de seda rubra vestida aos olhos
e já quase ao meio sono.
O silêncio, paciente
espera pela manhã
quando a água levada em perfume
em orvalho goteada
te salpique nos olhos
e te desperte num sorriso ímpar
que repartes com o sol
que acorado no teu quarto
desperta e se levanta
para contigo acender o dia
ao esplendor maior das cores!

OUTONO

No outono
as folhas pousam, se o vento é brando
tapeteando os caminhos.

No outono
o sol é intruso, se espreita pela manhã
e se teima quente à meia tarde.

No outono
o dia e a noite começam cedo
e a chuva cai, arrefecendo sem gelar.

No outono
vão-se os pardais
ficam os ninhos franqueados no silêncio.

No outono
se de brio se quer estação
o ar arrefece, a terra arrefece
e ao pé não se deve o cinzento dos dias.

No outono
quando o vento opulento chega
varre o chão, penteia a floresta
e obriga o inverno a esperar...
permitindo aos rios
descer ainda sem sobressaltos.

CAPÍTULO III



INTENSAMENTE

Quero-te devagar
com mãos de seda
toque de embalar
boca de amêndoa
lábios de sede
e beber-te e saborear-te
sem tempo e sem reservas...
Depois, em sofreguidão
no acender dos olhos
no transpirar das mãos
no desespero do corpo
ao desnorte do desejo
quero amar-te intensamente
até ao verter das fontes

ENSEADA

Quero amar-te devagar
Queber-te aos goles
para que te tenha
todo o tempo nos meus braços
e eterna no sentir...

À LUZ

Tomo-te o corpo
à luz encandeada dos olhos
As bocas pousam no mel repartido
e ficam, ficam...
na colmeia farta do amor

INCÊNDIO NO MAR

Quero embalar-te no meu colo
Ao sussurrar das ondas
Depois...
depois quero amar-te
como se rasgando o oceano
que aprisionas no ventre
Só muito depois
quente e calmo
poderei afogar na praia do teu corpo todo
que acendes dos olhos...

ALINE

Sopro-te o rosto
com ventos da alma
temperados ao beijo humedecido
morno, meigo, demorado.
A boca inquieta
procura cada pedaço de pele
cada poro...
Fecham os olhos
tremem os lábios
as mãos passeiam pelo corpo
e a liberdade do amor
dita o resto do caminho...
E o desejo acalma
quanto os corpos explodem

MAR DE LUME

Sei dizer-te
que te sei
que te sinto
no embargar dos olhos
no embalar dos braços
no naufragar dos corpos
à maré viva dum mar de desejos
que rebenta em chamas
na praia maravilhosa
dum olhar inquieto...

ALVORECER

Toquei-te ao alvorecer dos olhos
e soube de uma noite grávida de luar
agachada e morna no teu colo
à espera de parir
pelo amanhecer
o mais lindo dia de céu azul!



CAPÍTULO IV



Max

RIO HOMEM

O vento verga os amieiros
e a água
descendo inconformada
afaga-se nas margens.
O Rio Homem vai descendo
na saudade
e sem saber bem
para onde e porque vai...
O vento verga os amieiros
para que os ramos
se despeçam de perto
da água limpa e transparente
que beberam
ao arder do sol
quando a tarde se acendeu
no pináculo da montanha
de pedras soberbas!

PEDRAS DA MONTANHA

Podem sugar-nos o sangue ainda a ferver
à lei cega e vampírica do lucro.
Podem querer apagar-nos os costumes
as nossas gentes
a nossa história
a nossa memória...
mas a nossa alma
as nossas montanhas
e água limpa dos nossos rios
esses filhos dum outro deus qualquer
escondidos de "mercados"
não conseguirão;
as nossas pedras rolarão sobre eles...

NUCLEAR

Nasce o dia
e atrasa-se o sol
no acender da luz
Nasce o dia
e a fruta se amarga nas árvores
vertendo o último doce
no chão já azedo e frio
Nasce o dia
e os pássaros permanecem quietos
pousados no sono atordoado
Nasce o dia
e as flores querem-se escondidas
abafadas no próprio aroma
Nasce o dia
e até ele se intimida
sabendo da mira certa
do veneno
que a noite lhe apurou!...

ROSA BRAVA

Sem se elevar nos beirais
exuberante nas cores
foi achada entre as demais
como a mais linda da flores



NASCENTE D'ÁGUA

A cama estendeu-se de urze mansa.
A montanha acendeu de emoção
perdida de amor pelo arco íris.
E no ventre da terra
pousaram gotas de água
que se fizeram depois num rio.

MOTIVOS

Pela manhã
quando o sol se espreguiça
no canto nascente do dia
vou à janela saudá-lo
porque me presenteia o olhar...

À tardinha
quando o sol se poussa no horizonte
vou ao quintal despedir-me e agradecer-lhe
porque me acendeu, outra vez, o dia...

À noite
quando a lua se envaidece de esplendor
olho o céu e falo às estrelas do luar e de
sonhos...

Por ti
para te ver e me embriagar do teu sorriso
e tocar nos teus lábios de cristal
iria para lá do horizonte
iria ao fundo do mundo...

CUSTO ZERO

Que se poderá comprar no paraíso?
Uma maçã mordida?!...
Claro que nada se compra por lá.
E podem ir de bolsos vazios
que nada lá venderão.
E, sendo assim
boa viagem
até ao lugar sem custo.



CAPÍTULO V



INTUIÇÃO

Não te sei dos pulsos
não sei como estendes os cabelos.
Não te sei da boca
não sei onde te assentam os pés.
Não te sei das ancas
não sei quando te cansa o olhar.
Não te sei dos seios
não sei se te humedecem as mãos.
Não te sei...
não sei...
Mas vales demais
porque sabes que te quero inventar
a meio caminho
do coração e dos versos.


TUDO OU NADA

Se o chão me for menos chão
Se a terra apenas de pó
à mercê de ventos desnorreados
ou de chuva que a faz lama.
Se um dia a claridade
for apenas de sol encoberto
e se o meio dia se atrasar
por desmazelo ou cansaço
e os ponteiros do relógio
carcomidos, se quebrarem
no ócio das horas
ou no pasmar do tempo
já não se serei eu a cavar o chão
para semear e colher;
já não serei eu por ali
porque não me sei
num chão que não serve, sequer
para caminho de algum rumo...

NOTHING ELSE MATTERS

Se um poema
quero o que ainda não soube escrever
Se um dia
quero o que ainda não soube inventar
Se uma balada
hoje quero
"Nothing Else Matters"
Se mulher, quero-te a ti

VELHO



Ficaram-se os dias curtos demais
Ficaram as noites longas demais
Foram-se os sonhos grandes demais
Ficaram os sonhos pequenos demais
Foram-se as pernas que corriam demais
Ficaram as forças, cada vez de menos
Foi-se a cor dos cabelos
Foram depois os cabelos
Foram-se as lembranças...
Ficou perto demais a solidão
Ficou para trás a juventude
Ficaram outras vontades...
Ficou um amontoado de recortes duma vida
Ficou tão longe tanta coisa!
Ficou o resto que sobrou
Foi-se embora o que queria ainda
Ficou só um pouco do que foi...

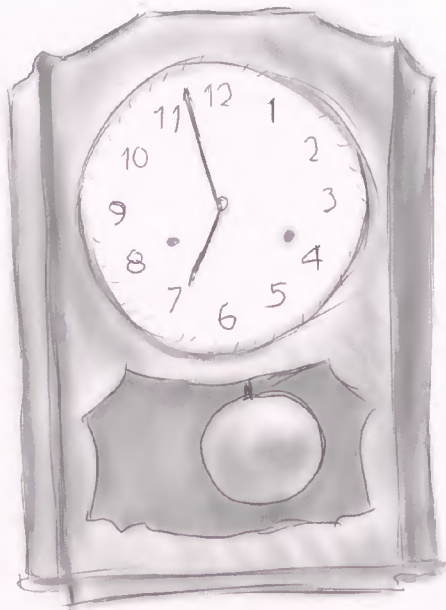
Ficou o saber, a ternura
Ficou a lágrima teimosa nos olhos
Ficou o cansaço
Ficaram os dias e as tardes que lembra...
Ficou o mesmo cinzento
Ficou a mesma chuva, o mesmo sol
Mas o frio fica cada vez mais!

ESPÍRITO

As flores
depois das cores, dos aromas
Secam.
Os dias
ao fim da tarde escurecem.
Os olhos
se cansados adormecem
O sonho
se desacreditado
esvai-se...
Mas o espírito
esse é sempre novo
se assim o quisermos.

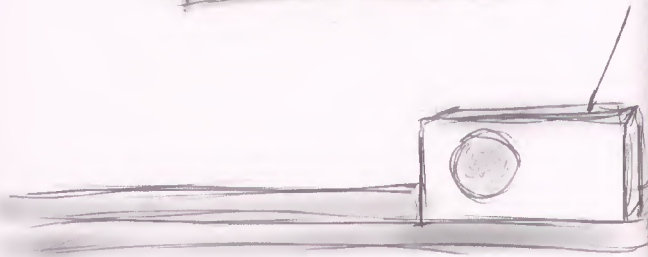
ALZHEIMER

Adormeceste
pelo fim da maratona.
Sem que os dias te obriguem,
permaneces quieta,
serena,
para cá da fronteira dos mortais.
Tudo te existe
e tu estás tão pouco...
É sono demais,
não é?!...



LENTIDÃO

O relógio inquieto ao meu olhar
marca lento o tempo
se demora...
No pavio aceso ao escurecer
arde branda a noite
que se tarda...



CAPÍTULO VI



AUSÊNCIA

Sem ti a respirar-me na boca
a transpirar-me no peito
a sussurrar-me ao ouvido
coisas grandes do sentir...
não se secaram as fontes na paisagem
não se escondeu o relógio no céu
não se quebrou a linha no horizonte dos olhos...
mas aquelas vertem menos
aquele parece de ponteiros quebrados
e esta parece linha de fronteira nenhuma
Porque sem ti
tudo existe menos!



DIA DO PAI

Passei agora, na volta do almoço
pelo Outeiro, em São Mateus
e olhei ao fundo o vale do Rio Homem.
Continua linda a paisagem!
Aquele rio e aquelas margens
estão tal como as vias há uns anos.
Hoje, último dia do inverno
não chove, o sol dá um arzinho da sua graça
e não está frio.
Quando ao resto, tudo está igual.
Olha, logo vou podar uma árvore
que está de tronco forte à entrada do portão
antes que se perca o tempo.
Os galhos cortam-se sempre depois do nó.
É assim que se faz, não é?
Toma um beijo, igual ao que guardo sempre para ti.
Ah, desisto
não consegui ainda ficar tão bem parecido como tu.
Mas faço outras coisas para me alentar e distrair.

REPITO

Um poema
nem sempre se traduz
nas palavras que alinha
embriagado nelas;
esconde-se, por vezes,
no silêncio,
na calma,
no sono;
combate de peito aberto
na linha da frente,
diante do sol,
da chuva,
do vento,
do frio,
do vazio, também!

SOM DO SILÊNCIO

Não desgosto, por vezes
do ruído dos automóveis
ao passar nas ruas da cidade.
O som do silêncio
chega a fazer ruído maior.
Hoje também faz;
o da chuva consegue irritar-me
porque monocórdico.
Uma seca!
Hoje quero ensurdecer
à minha janela
no ruído feito no meu silêncio
sem chuva a cair
sem automóveis a passar
sem mais ninguém calado;
só eu e ele, aos gritos...

ACONCHEGADO

Já te inventei os olhos
prendidos na praia
de areias caladas
quietas no chão.
Já te inventei o sorriso
perdido no mar
em ondas temperadas
quebradas em espuma.
Já te inventei os cabelos
soltos no vento que passa
soprado pelo frio.
Já te inventei a chuva no rosto
a seda nas mãos...
mas o coração
nunca to inventei
porque te sei dele;
porque o tenho aqui comigo
e o sei aconchegado.

PORQUE NÃO

Não me cubro do sol
se me brilha demais e não me queima
Não me resguardo da chuva
se pingo a pingo me amolece o caminho
Não me escondo do vento
se em sopros brandos
me planta flores pelos beirais...
Não me derrubo às pedras soltas
de arestas limadas ou pontiagudas
se me convenci que era fácil demais!...



NO POEMA

Quero-te nas palavras
Rasgadas pelos dedos
ao fogo dos pulsos
na hora demente
da minha lucidez.
Quero-te no poema;
nua nos versos
e depois...
bem, depois
que seja ama a noite
e madrinha a poesia

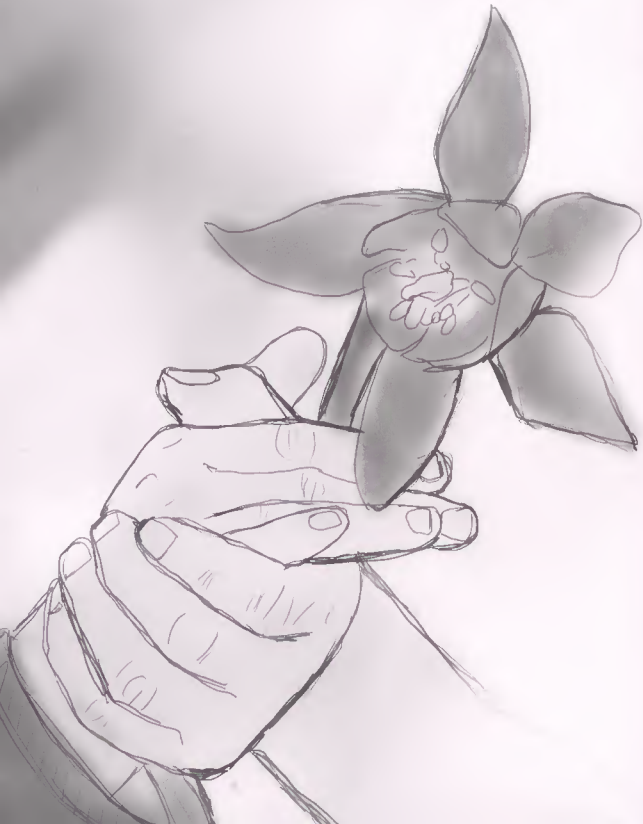
CAPÍTULO VII



May 15

VALSA DOS OLHOS

Valsam tristes os meus olhos
se não valsarem nos teus
Valsam tristes os meus olhos
se no ladrilhado onde valsas
não há flores que te colhi
Valsam tristes os meus olhos
se valsas e eu não estou
Valsam tristes os meus olhos
se nas voltas da valsa que quero
elas se não voltam para mim
Valsam tristes os meus olhos
se a valsa, sem ti nos braços
não chega ao fim

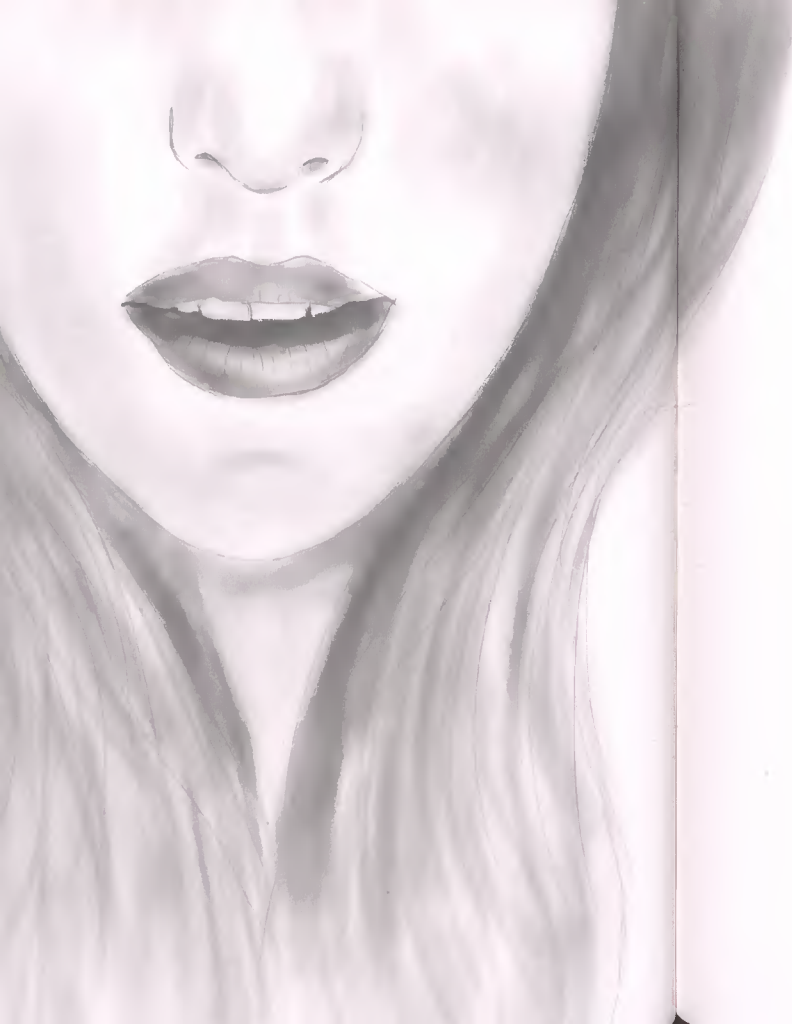


NÃO É TARDE

Não é tarde no teu olhar.
Não é tarde no teu sorriso.
Não é tarde, sequer
se tarde te olham...
Porque nos teus olhos
estão as manhãs
todas as manhãs bonitas
dos dias que me acordaram
e que quiseram que tardassem
em anoitecer...

PALPITAR

Enquanto o coração me palpitar
e os olhos
mesmo que brandos
se quiserem acordados
estarei, sempre
onde um poema maior se levantar...
para que me acenda o peito e a alma.
E se, depois
adormecer
é porque me esqueci um pouco
sabendo-me acordar mais ainda...



MEL DOS OLHOS

Da colmeia dos teus olhos
verte mel
pingos ao rosto
de flores amanhadas
à luz acesa no teu coração.
E ficam na boca
em fio escorrido
onde o beija-flor se adoça
e o arco-íris
espera vez!...

BARCA SOLTA

Quero-te
se o teu desejo é o meu
no balanço em barca solta
nas águas inquietas
do mesmo mar de sal
temperado nos olhos
e na pele.

SORRISO

Não me ensines a rir
Nisso, eu sei.

Não me ensines a chorar
isso, eu sei.

Mostra-me como sorrir
para que eu saiba e sinta
que também o sinto
e sei fazer.

RAZÃO NO BEIJO

No beijo
quero a razão
porque o desejo é momento
a demora é tempo
o sabor é gosto
o jeito é estética



CAPÍTULO VIII



VAGA-LUME

Como vaga-lume
aceso e entretido no céu
vejo os teus olhos
raros de beleza
no inquieto deslumbramento dos meus!
E pode a lua recolher-se no sono
as estrelas internarem-se na cortina da noite;
pode o sol tardar no acender da manhã
que tenho já a luz que preciso
para acordar, viver e olhar
eternamente encantado!...

BELEZA

Toda a luz
acende e se propaga
na imensurável beleza
arremessada do teu olhar

FLOR DE FOGO

Senti o fogo na alma
o olhar desfeito em espanto!
Não era sonho ou miragem
não era história de encanto;
era uma flor que ali estava
a sufocar de perfume
as suas folhas ardiam
rompendo dum chão de lume!



SEMPRE

Quero
agora e sempre
a flor mordida na boca
o sangue a ferver no fio do fogo
e a alma em revolução
Para que o silêncio dos olhos
não seja o amanhecer do resto dos dias
E eu, o carrasco
impávido
aa última noite de luar
despida ao céu aberto
arrefecendo pela madrugada...

EMBRIAGUEZ

Da tua boca soltei a fonte
e pela tua pele
quis olhar um rio
a serpentear cada poro.
E depois
embriaguei-me nele.

SILÊNCIOS

Se um dia fosse senhor
de qualquer coisa que fosse:
de uma rua empedrada
de três casas num caminho
duma terra despovoada
duma serra abandonada
dum lírio roxo sozinho
não me queria
acomodado
conformado
envaidecido
porque servo era do silêncio
do pó, das pedras, da urze
e pouco mais...

SILÊNCIO DA NOITE

A noite desventrada ao luar
está calada.

O rio que passa ao fundo, devagar
está calado.

O vento sopra do outro lado da montada
ao arrepio do frio de leste.

Eu estou quieto
calado

ao morno do braseiro brando
no entontecer do sono.

O silêncio tomou conta da noite e de mim
com muita noite ainda por silenciar...

As crianças despertam cedo
mas demoram ainda no sono

e o silêncio embala-as

no sonho aconchegado e morno
sem pressa da manhã.

CAPÍTULO IX



May

MÃE – TÃO BONITO!

Estava frio, muito frio
gelava o céu, o chão e a paisagem toda
quando me soltaste do ventre quente.
Na manhã daquele dia frio, muito frio
as árvores despertaram
vergadas aos mil flocos mansos
em si acorados.
As folhas, inconformadas, tinham razão
quando resistiram aos sopros do estio!
Era fevereiro, caía neve, estava frio,
muito frio
mas - como sempre me disseste -
foi o dia mais lindo de todos os teus dias!
Depois cresci, cruzei outros invernos
outros dias frios, muito frios
que me arrefeceram;

outros dias que me foram acesos de sol
e outros dias apenas fieis ao calendário...
mas, mãe, minha querida mãe
aquele dia, morno só nos teus olhos
de renda estendida ao chão
frio, tão frio, mas tão bonito
foi o teu e o meu melhor dia.
Lembras ainda, não lembras mãe?!...



ANITA

Os teus cabelos são ainda da cor do sol aceso
A tua pele é da mesma seda
de fabrico às mãos
Os teus olhos - grandes - da cor dum prado fértil
veem, como viam
para além dos muros de cimento e pedra
que se querem, tanta vez
comportas de águas furtadas
Mas os teus óculos mudaram
e mesmo na alternância dos tempos que obrigam
soubeste escolher os que servem
e ficam melhor aos teus olhos...
Sempre de bom gosto!

CHICO BUARQUE

Não te sei ainda
Chico Buarque
no mármore, em lápide
cravada numa parede asseada do meu país.
Mas sei-te um irmão grande
tão grande
como os grandes homens
que amaram e amam
a língua portuguesa.
E isso, companheiro
deixa-me ainda mais orgulhoso
neste cantinho que o mar abraça
e a quem o sol e as flores
ainda não cobram nada...

À HORA DE NADA

Da eira, a avenida pacata e quieta.
Nos pés, as meias de lã tricotadas ao serão
depois do terço rezado em família pela hora do ceiar.
No corpo, a saia travada, costurada em pano de terylene,
quando aprendiz de modista nas horas que lhe sobraram...
No cabelo, farto, três ganchos seguram o “tornico”
enrolado pela manhã, no ritual dos dias madrugados.
Na varanda da farmácia do Barroso ninguém se debruça
ao cheiro das floreiras envaidecidas de rosas vermelhas
e ninguém espreita do pátio do Funileiro
o chegar da camioneta da carreira.
No táxi e no Fiat do Afonso Novo não entra nem sai ninguém.
As laranjeiras, de tronco esguio,
vão medrando ao calor dos dias sem pressa.
A Prazeres está só, e não se importa de olhar e de esperar...
E olha a gente que não passa.
E olha os carros que não passam.
E olha... como tudo lhe seja movimento;
como tudo esteja para chegar...

TERESINHA

As árvores continuam a medrar
O verde continua verde
as outras cores
continuam iguais no seu esplendor
mas cá dentro
Teresinha, minha irmã
algo não está igual;
caramba, faltas tu
mesmo que te saiba eterna
no coração e na memória...

QUE SORTE, AMIGO!

Que sorte, amigo, que sorte a tua por poderes visitar a minha terra
tão antiga, tão nobre e tão bonita!

Que sorte, amigo, que sorte a tua por sentires os pés no nosso chão
calçado de pedra rija em asseio domingueiro
e dele contemplares as paisagens

tantas paisagens de garranos sem freio
coloridas e perfumadas de urze brava e alecrim
por onde a água desce em serpentina
como se bailando ao vento brando das manhãs!

E nós, amigo, que somos tanto dela vamos querer que voltes,
que voltes sempre, para que pelos teus olhos e passos
a possamos palmilhar outra vez contigo
sem tempo e sem cansaço...

Que sorte a tua e a nossa, amigo,
por termos mel dourado e pão de milho
em toalha bordada em linho
de bainha aberta às mãos prendadas
e som de concertinas e alegria
em todas as voltas e caminhos
sempre que voltes a Terras de Bouro!

JOSÉ

O José nunca leu um poema,
não sabe o que é um verso,
uma imagem, uma metáfora.

O José não sabe nada
das coisas que não lhe dizem nada;
e de mim, sabe muito pouco
e nem quer saber mais,

porque já sabe o que lhe importa.

O José cuida da minha “Estrela”
é meu amigo

e eu sou amigo dele.

O José tem bigode farto,
barriga farta,

é robusto nos braços,
tem corpo de amedrontar a noite
e um olhar de enternecer o dia todo.

O José tem os olhos gordos
de ver o que eu não sei ver.
O José é o homem mais simples do mundo
e, contudo, tem o mundo maior com ele...
e eu não!
O José nunca leu um poema
e este também não irá ler.

CAPÍTULO X



max

CONFESSO

Procuro saber o que digo
por que o digo
quem mo dita
por que mo dita.
Procuro saber todos os dias
o que os dias não me dizem.
Mas hoje queria saber
por que me diz mais
tanta vez
o silêncio
no instante de duas linhas
do que eu digo
quase sempre
no grito doce ou amargo
de mil palavras
pressadas no almofariz do peito

BOA NOITE

Sonhem
inventem
partam
repartam-se...
e depois, mesmo que muito depois
voltem e sejam felizes;
na chegada
na permanência
em todos os dias do calendário
mesmo nos dias cinzentos.
E depois descansem
se vos obriga a manhã.

CELEBRAÇÕES

Na diferença, na indiferença
na fartura, na dificuldade
no sorriso, na tristeza
na presença, na distância
na esperança, na ausência
perto, ao longe
nas palavras, nas leituras
nos pensamentos...
no olhar, no peito
dentro, no coração
em reunião, na solidão
vivam cada festa
como se prelúdio de outras celebrações
e sejam felizes.
O amanhã será apenas
dois dias depois de ontem
não esqueçam!

ANIVERSÁRIO

Parabéns companheiro,
por teres sabido subir uma a uma cada escada
e não te deixares tropeçar.

Parabéns companheiro,
por, quando passaram por ti, correndo mais,
nunca os teres ou querereres ter atropelado.

Parabéns companheiro,
por nunca te debruçares nas varandas que não são tuas,
para olhar, mesmo que apenas, o pôr-do-sol a roçar no horizonte.

Parabéns companheiro,
por gostares do mar, mas não te querereres por lá,
porque as pedras na tua montanha, mesmo cinzentas e frias,
são e valem ainda mais para ti.

Parabéns companheiro,
por nunca destruíres catedrais, a não ser as do teu peito.

Parabéns companheiro,
por gostares de rosas vermelhas, de açucenas, de aromas...
mas nunca destruíres jardins para colheres flores.

Parabéns companheiro,
por reconheceres que as tuas palavras,

mesmo as tuas maiores palavras,
só valerão se os outros as souberam e quiserem entender.
Parabéns companheiro,
por teres nascido sem berço de prata
mas queres sempre de ouro todos berços.
Parabéns companheiro,
por andares por aí seguro no asfalto,
mas te lembrares que as estradas já te foram de terra nua,
de pó, e te conduzes, por isso, à velocidade a que obriga o nevoeiro.
Parabéns companheiro,
pela humildade em aceites as minhas palavras
tão cheias de quase nada!
Aprecio-te companheiro,
mas ainda estás longe do que queres
e do que eu sei que quero de ti...
Parabéns companheiro,
por mais um aniversário!
E não te emocionas com esta minha lembrança, companheiro;
esse é um presente que te quero deixar para depois...

PRONÚNCIO DE NATAL

Tantas portas se enfeitam, tantas luzes se acendem
tanto brilho se promete...

E o Natal tem mais de dois mil anos.

Tantas janelas se abrem, tantas cores se multiplicam
tanto frio se aconchega...

E o Natal tem mais de dois mil anos.

Tantas estradas se percorrem, tantas saudades se calam
tanto abraço se reencontra...

E o Natal tem mais de dois mil anos.

Tantas crianças se erguem, tantas outras se acocoram
tanto calor e tanto frio se contrasta...

E o Natal tem mais de dois mil anos.

Tantas alegrias se repartem, tantas angústias se escondem
tanto de diferente se festeja no mesmo dia...

E o Natal tem mais de dois mil anos!

Mas é sempre um novo Natal.

BOCA DE BEBER

Quero-te de flores
de mel
de céu aceso
de calmo entardecer
com boca de beber;
de ferro
e viva de sede
não!



FONTE NA PAISAGEM

Leva-me a sede à tua fonte
Le deixa-me saciado nela
ao céu aberto, tórrido de sol...
rarefeito de aromas de verão
em tarde demorada.

Leva-me à tua fonte
e refresca-me em cada gota
enquanto a sede precisar.

Delicio-me e embriago-me
como se no verter da boca
o medronho destilado...

Deixa-me o tronco despido
debruçado na pedra morna
que se fez fonte na paisagem.

Deixa-me no sabor que verte e bebo
sem pressa no cessar da sede.

E a tarde se, despreocupada, tardar
saberá como vale tanto
a água fria vertida do chão!

IN NOMINAE*

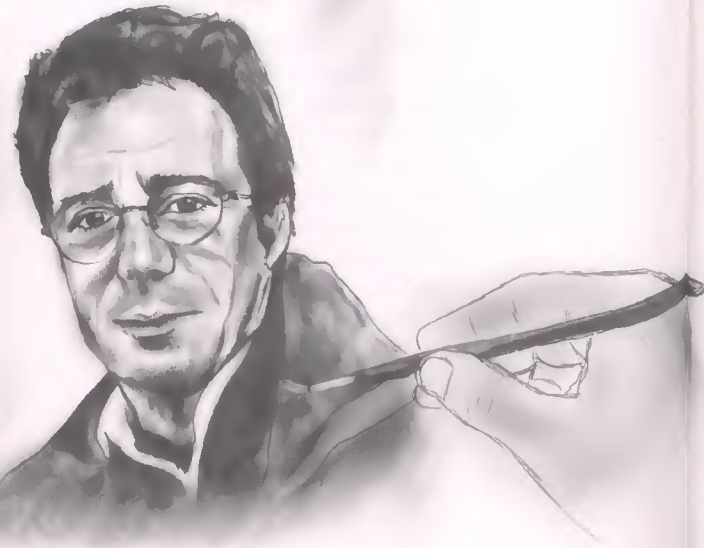
Dei comigo
ao vidro baço e lento da janela
no *palpebrar* cadente e moreno dos teus olhos
a noite é apenas noite
e o silêncio mudo
e apenas se ouve o sussurro
dos versos que te chamam...
em nome de tudo
e de todos
os que ainda amam
E o sorriso
foi dormir antes de mim
querendo-me a cama morna
Se ausente te sei

mesmo que só um pouco
todo eu parto de mim
para regressar-te
nos meus braços, louco
até que acorde
de tudo o que sonhei
nos beijos esquivos
que me chamam
e me sinta poeta do sentir
eu que nada sei
em nome de tudo e todos
os que ainda amam

* Adaptado para canção in "Cantos da Paixão e da Revolta", por Pedro Barroso

O POETA E A PINTORA

Um poeta triste
pergunta
a uma pintora feliz:
Por que choras
se eu sorrio?
Ela responde:
Por que eu tenho as cores todas
e não me são bastantes
e tu só tens as tuas palavras
e fazes com que elas te bastem!



ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	5
------------------------	---

CAPÍTULO I

CEIA	13
PARTILHA	14
CRIANÇA.	15
SEM TEMPO PARA O POEMA	17
ENTRETIDO.	18
MIRAGEM	19
OLHAR	21

CAPÍTULO II

MEL E AÇUCENAS	26
INVERNO	28
VERÃO	29
MEIGO	31
LUAR	32
AMANHECER.	33
OUTONO.	34

CAPÍTULO III

INTENSAMENTE.	41
ENSEADA	42
À LUZ	43
INCÊNDIO NO MAR	45
ALINE.	46
MAR DE LUME	47
ALVORECER.	49

CAPÍTULO IV

RIO HOMEM	55
PEDRAS DA MONTANHA.	56

NUCLEAR	57
ROSA BRAVA	59
NASCENTE D'ÁGUA	60
MOTIVOS	61
CUSTO ZERO	63

CAPÍTULO V

INTUIÇÃO	69
TUDO OU NADA	70
NOTHING ELSE MATTERS	71
VELHO	72
ESPÍRITO	74
ALZHEIMER	75
LENTIDÃO	77

CAPÍTULO VI

AUSÊNCIA	83
DIA DO PAI	84
REPITO	85
SOM DO SILÊNCIO	87
ACONCHEGADO	88
PORQUE NÃO	89
NO POEMA	91

CAPÍTULO VII

VALSA DOS OLHOS	97
NÃO É TARDE	98
PALPITAR	99
MEL DOS OLHOS	101
BARCA SOLTA	102
SORRISO	103
RAZÃO NO BEIJO	105

CAPÍTULO VIII

VAGA-LUME.	111
BELEZA.	112
FLOR DE FOGO.	113
SEMPRE	115
EMBRIAGUEZ.	116
SILÊNCIOS.	117
SILÊNCIO DA NOITE	119

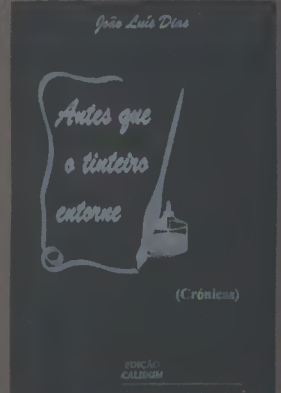
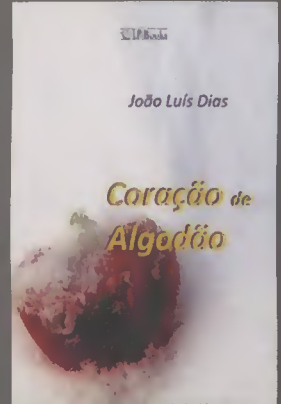
CAPÍTULO IX

MÃE – TÃO BONITO!	124
ANITA.	126
CHICO BUARQUE	127
À HORA DE NADA	129
TERESINHA.	130
QUE SORTE, AMIGO!	131
JOSÉ.	132

CAPÍTULO X

CONFESSO	139
BOA NOITE	140
CELEBRAÇÕES	141
ANIVERSÁRIO.	142
PRONÚNCIO DE NATAL.	144
BOCA DE BEBER	145
FONTE NA PAISAGEM.	147
IN NOMINAE*.	148
O POETA E A PINTORA	151

Publicações do autor



UM POEMA ENORME

Queria escrever um poema enorme
nem que fosse o poema enorme
mais pequenino do mundo

Queria escrever um poema enorme
nem que fosse o poema enorme
mais simples do mundo

Queria escrever um poema enorme
nem que fosse dos poemas enormes
o menos enorme de todos
mas que fosse enorme para ti
porque para ti
enorme...
só um poema maior!

in "Coração de Algodão", do autor

ISBN 978-972-99556-5-5



9 789729 955655